

EXPERIÊNCIAS COM A METRÓPOLE NO ROMANCE *ADUA* DE IGIABA SCEGO

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i32p114-126>

Dionei Mathias^I

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o segmento “Zoppe” do romance *Adua*, de Igiaba Scego. Publicado em 2015 e traduzido para o português brasileiro em 2018, o romance representa uma importante contribuição para o conjunto de obras oriundas de contextos de fluxos migratórios. Este artigo deseja discutir como personagens vindos de países africanos interagem com a metrópole, refletindo sobre as interações entre grupos dominantes e minoritários e o modo como o pensamento imperialista é reproduzido no contexto africano.

ABSTRACT

This article aims to analyse the segment “Zoppe” from the novel Adua, written by Igiaba Scego. Published in 2015 and translated into Brazilian Portuguese in 2018, this novel represents an important contribution to the group of literary works coming from contexts of migratory flows. This article wishes to discuss how characters coming from African countries interact in the metropolis, reflecting on the interactions between dominant and minority groups and the way imperialist thought is reproduced in the African context.

PALAVRAS-CHAVE:

Igiaba Scego;
Adua;
literatura de imigração;
metrópole.

KEYWORDS

Igiaba Scego;
Adua;
immigration literature;
metropolis.

^I Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

I

ntrodução

Com a tradução de seu romance *Adua* e sua participação na Flip (Festa Literária Internacional de Paraty) de 2018, Igiaba Scego vem recebendo cada vez mais atenção no Brasil, introduzindo por meio de sua ficção ideias novas em nosso horizonte. Seu romance trata da era colonial italiana e da experiência da mulher imigrante na Europa. Esse esforço artístico de representar e dar voz ao imigrante vem crescendo em muitas literaturas nacionais, especialmente na Europa e na América do Norte. Nisso ela se junta a outras mulheres escritoras como Emine Sevgi Özdamar, na Alemanha, Faïza Guène, na França, Andrea Levy, na Inglaterra ou Julia Alvarez, nos Estados Unidos. O que todas essas mulheres escritoras têm em comum é seu desejo de pensar o lugar e a voz, especialmente, de mulheres imigrantes, nos grandes centros metropolitanos. Ou como afirma Manuela Coppola para o contexto italiano, mas igualmente válido para outros contextos nacionais, elas ressignificam os “espaços literários e linguísticos” (COPPOLA, 2011, p. 121-35).

Com seu trabalho artístico e intelectual, essas escritoras recuperam histórias e constroem vozes que inexisteriam em seus respectivos espaços nacionais. Para isso, um árduo processo de legitimação teve que ocorrer, incluindo a publicação em editoras, a recepção em departamentos de estudos literários e a menção de seus nomes em histórias da literatura nacional. Ao contrário das autoras citadas, as quais já alcançaram reconhecimento nacional, em parte, também internacional, muitas outras vozes ainda permanecem às margens de suas sociedades, tentando estabelecer sua voz no mercado de ideias. Seus esforços têm muitos traços comuns, especialmente no que diz respeito à representação do complexo processo de construção de identidade para atores sociais da segunda geração que vivem entre duas culturas, mas também ao interesse por recuperar um passado e, com isso, um posicionamento nas coordenadas de fala previstas nos respectivos discursos nacionais.

Em *Adua*, Igiaba Scego empreende esse esforço seguindo três vetores, os quais também estruturam a organização do romance: a voz da mulher imigrante negra no segmento “*Adua*”, o passado da criança *Adua*, ainda na Somália, no segmento “*Sermão*”, este mediado pela voz da figura paterna, e, por fim, o passado da figura paterna que se vê envolvido na política colonialista da Itália, no segmento “*Zoppe*”. Semelhantemente ao que faz Andrea Levy no romance *The Small Island*, Scego volta seu olhar para o passado para entender e representar as intersecções de atores sociais da cultura hegemônica e de representantes de culturas minoritárias.

Enquanto Levy tenta recuperar a história da contribuição das ex-colônias e a recepção de seus representantes na Inglaterra do pós-guerra, focando aqui também na experiência de imigrantes negros (MATHIAS, 2011), Scego retrata a recepção de um cidadão somali, pai da protagonista Adua, na Itália de Mussolini e a ida de europeus italianos ao continente africano, acompanhados por Zoppe. Em ambos os casos, há um movimento de revisão da história, ou melhor, uma narrativa da história, na qual imigrantes ou membros de outras culturas fazem parte do imaginário italiano.

Com foco na intersecção entre história e imigração, este artigo deseja analisar os segmentos intitulados de “Zoppe”, nos quais a voz narrativa expõe a experiências da figura paterna, discutindo três momentos importantes nessa dinâmica de interação: as experiências no centro imperialista, a visão do outro na Itália e, por fim, as experiências no continente africano. A figura paterna não é realmente imigrante, pois permanece por algum período na Itália e acompanha, na sequência, representantes da cultura hegemônica ao continente africano. A estratégia narrativa de Scego, contudo, parece residir em tecer uma imagem mais complexa da experiência de imigrante como vivenciada pela protagonista Adua. Assim, tanto as imagens da infância mediadas pelo pai como as experiências do pai na Itália fascista parecem criar laços e referências com as vivências de Adua como imigrante no presente diegético. Cabe ao leitor, no trabalho de decodificação, construir os paralelos entre o passado e o presente. Nesse sentido, este artigo se insere no campo de pesquisa interessado na produção literária de fluxos migratórios (MATHIAS, 2018, p. 225-238), a fim de compreender as relações, não somente dentro de um espaço nacional, que marcam a experiência de imigração.

1. A experiência no centro imperialista

O primeiro segmento intitulado de “Zoppe” começa com uma contextualização temporal – fevereiro de 1934 – e com uma cena de violência, na qual três homens batem num estrangeiro, sem que este possa se defender. Nesse primeiro momento, não há informações que possam orientar o leitor sobre como enquadrar a cena. Fica claro, no entanto, que a vítima é uma personagem negra. Sem construir redes causais explícitas, a voz narrativa heterodiegética vai expondo as informações e criando uma atmosfera afetiva que traça as coordenadas para o movimento de cidadãos estrangeiros naquele espaço, especialmente indivíduos dos países, em relação aos quais a Itália tinha ambições imperialistas, dentre eles, “Eritreia, Somália, partes da Líbia, Etiópia, Ilhas do Dodecaneso e Albânia” (LOMBARDI-DIOP; ROMEO, 2015, p. 367-83). Neste caso, o personagem é de origem Somali e está a trabalho na Itália:

“Já chega, né?”, Beppe disse a certo ponto.

“É, senão o matamos. Disseram para nos divertirmos um pouco. Não para matá-lo. Afinal de contas, ele é um desses que trabalha para nós, e não é que temos muitos desses intérpretes, meu chefe sempre diz que estes aqui devem ser tratados com todo cuidado, a guerra contra o sujo abissínio está próxima, eles vão servir para algo...”

“Mas se é um preto, pra que pode servir? Por favor, sejamos sérios” (SCEGO, 2018, p. 15).

A interação dos representantes do grupo hegemônico expõe uma série de crenças e valores que coordenam as ações naquele espaço. Desse modo, comportamentos e ações assumidos por esses agentes sociais não são completamente contingentes e casuais, eles seguem interpretações de realidade que preveem lugares, direitos e chances de pertencimento para diferentes categorias e grupos sociais. No caso do somaliano Zoppe, esses agentes têm uma série de liberdades, uma vez que na hierarquia de atribuição de respeito, ele se encontra na posição menos privilegiada. É esse posicionamento que permite o tratamento violento, o qual acaba sendo interrompido não por qualquer escrúpulo, mas sim por conta do potencial de instrumentalização inerente aos conhecimentos desse estrangeiro. Esse interesse pelo capital intelectual que Zoppe traz consigo, de certo modo, salva sua vida.

Ao mesmo tempo, ocorre um movimento de desencantamento sobre o papel do conhecedor de línguas estrangeiras. Zoppe domina vários idiomas africanos, tendo fluência também na língua italiana, o que lhe proporciona a chance de conhecer o continente europeu. Contudo, no lugar da imagem idealizada do mediador e intérprete de culturas, seu trabalho é reduzido ao grau de utilidade para os objetivos das políticas colonialistas. Assim, não há intercâmbio, muito menos interesse mútuo em compreender as diferentes visões de mundo. No lugar dos potenciais de humanização, o encontro intercultural segue as leis da maximização de benefícios, nessa intersecção, mais especificamente os interesses de um governo imperialista que quer se estabelecer em países africanos.

Inerente a essa concepção de mundo, também se encontra o posicionamento já mencionado dos diferentes atores sociais. A partir do olhar da metrópole e, com isso, de uma posição de poder privilegiada, os parceiros que se encontram na margem da cartografia desenhada no centro do poder recebem, juntamente com seu posicionamento nas coordenadas, também um conjunto de normas para a interação e imagens para sua representação naquele espaço. Desse modo, o sujeito “abissínio” recebe atributos negativos, a fim de justificar esse posicionamento no discurso do grupo hegemônico, incluindo aí uma lógica racista que estabelece suas hierarquias.

Por fim, a personagem Zoppe pode deixar o presídio, por conta da intervenção de um conde que precisa de seus serviços. Com isso, ocorre a

interrupção da sequência de violência física perpetrada por agentes oficiais, enquanto se encontrava preso, mas somente para ser substituída por outras modalidades de violência:

Zoppe tocou sua cabeça e sentiu com as mãos as dobras do turbante que o conde Anselmi o obrigava a usar. “Ah, muito bem, Zoppe olha só pra você, parece uma figurinha. O turbante azul lhe confere classe. Minha mãe, alma boa, era inglesa, meu pai, o conde Ludovico Anselmi, a conheceu durante sua última viagem à Índia. Ela e sua família acompanhavam o embaixador do maior Império do mundo. Foi lá que os meus pais observaram com admiração a classe dos soldados indianos com turbante azul.” [...]

“A Itália merece um igual”, dizia por todos os salões.

“Fomos nós, afinal de contas, que demos à luz a Augusto. Civilizar os selvagens também é nossa missão, somos nós que devemos carregar esse peso sobre nossas costas”

(SCEGO, 2018, p. 81)

Se no espaço oficial do presídio seu corpo foi o alvo da violência, fora da prisão, o conde passa a atacar sua dignidade. Como no caso dos agentes da prisão, também o conde constrói uma imagem de Zoppe, esta pautada pelos discursos que circulam em sua família. Admiradora, das práticas coloniais britânicas, com suas redes simbólicas para estabelecer hierarquias, sua família faz circular essas ideias em seu espaço de interação, o que acaba sendo ainda mais intensificado por conta da origem inglesa da mãe. Ao testemunharem na Índia as práticas imperiais do outro país europeu, os pais do conde passam a atribuir valor a essa forma de exposição de poder, estimulando no filho a produção de imagens, as quais ele coloca em prática assim que tem a oportunidade. Nisso, a utilização do turbante no contexto original indiano passa a ter um significado secundário, sem o objetivo de dialogar com a sociedade na qual esse símbolo cultural circula e está inserido factualmente. No lugar disso, os sentidos nos quais o conde está interessado provêm muito mais da rede semiótica colonialista, isto é, daquilo que o turbante significa na narrativa imperialista britânica.

São essas conotações, portanto, que ele deseja atualizar na rede semiótica que tenta estabilizar em seu espaço de circulação. Com isso a narrativa imperialista britânica serve de modelo para idear a tessitura do contexto italiano e suas aspirações coloniais. Nisso Zoppe se vê transformado em instrumento dessa narrativa, ocupando um lugar de subordinado na hierarquia delineada nessa visão de mundo. Na passagem final da citação, o conde explicita como ele legitima suas posições, indicando os méritos culturais de seu país como o fundamento para sua interpretação de realidade. Nela, atores sociais pertencentes àqueles países distantes do centro imperial se tornam objetos de missão civilizatória.

Como no modelo adotado, também aqui a interpretação de realidade do ator social que pertence ao grupo hegemônico sugere que suas ações assumem a responsabilidade pelo bem-estar dos grupos dominados. Zoppe tarda, mas não deixa de perceber que essa narrativa aparentemente civilizatória serve de legitimação para interesses puramente econômicos e exploratórios.

A interação do conde com Zoppe, portanto, adota critérios diferentes daqueles utilizados para interagir com seus conterrâneos. Com base na imagem do “selvagem”, a qual fundamenta a visão de mundo imperialista, o conde concretiza suas interações a partir dessa interpretação de realidade: “Sabe dançar?”, perguntou o conde, acenando um *pas de deux*. “Ah, que bobo, você deve praticar as danças selvagens dos seus lugares.” Havia, em suas palavras, um misto de arrogância e luxúria” (SCEGO, 2018, p. 82). Nesse contexto, o outro se transforma em objeto de seu desejo pelo exótico, impondo expectativas para que este concretize as imagens que constrói em suas hierarquias pessoais de civilização. Para Zoppe, isso implica uma revisão completa das expectativas que trazia da Somália. Assim, no lugar da igualdade no princípio da interação, ele se vê confrontado com lógicas de inclusão e exclusão que não previa ao assumir que seu trabalho de tradução o situava como mediador cultural. Essa percepção no horizonte pessoal de Zoppe se instaura num processo doloroso e que ele, de certo modo, tenta reprimir ao enfatizar a necessidade de seu trabalho para obtenção de recursos econômicos, os quais deseja investir em projetos futuros na Somália.

2. Visões do outro na metrópole

Durante sua permanência na capital italiana, o princípio de interação com o grupo hegemônico está marcado por um constante movimento de hierarquização, prevendo um lugar de subordinação para o seu lugar de fala. Zoppe, contudo, também interage com outros atores sociais que apresentam interesses e visões de mundo diferentes. Dentre eles, encontra-se um outro homem negro e, além dele, uma família judia. Marcados por experiências diferentes e interessados em outras modalidades de concretização existencial, esses interlocutores se aproximam de Zoppe, com outros questionamentos, permitindo a negociação de uma narrativa identitária, menos pautada pelo princípio império e colônia.

Ao caminhar pelas ruas de Roma, Zoppe tem sua atenção despertada, ao ver a família judia. O que chama sua atenção, contudo, não reside em diferença étnica, mas sim no modo como esses atores sociais interagem com ele. No lugar do desprezo e da hostilidade, que o incita posteriormente a pensar na imposição da invisibilidade, neste caso, os olhares que o procuram apresentam uma outra forma de diálogo:

Há meses ele os via de mãos dadas. Viviam a poucos metros da casa onde estava hospedado. Tinha sido inevitável olhá-los a primeira vez. Eles o olhavam e ele os olhava. Sem aquela curiosidade maligna dos brancos, aquelas mãos famintas dentro dos seus cabelos enrolados, aqueles comentários venenosos sobre a cor de sua pele. O pai e a garotinha olhavam-no com olhos humanos (SCEGO, 2018, p. 13).

O início da interação, portanto, ocorre por meio da atribuição de atenção e interesse, no contexto do espaço social. O modo como esse olhar é concretizado se diferencia substancialmente também da apropriação visual arraigada na diferença étnica. Isto é, não é o interesse na cor da pele nem na estrutura capilar, trata-se tampouco de um olhar luxurioso, o qual direcionava, em parte, o interesse do conde. A atitude que a voz narrativa denomina de “olhos humanos” parece representar um olhar de benevolência, sem traços que antecipam o desejo de exclusão ou hierarquização.

Ao contrário de outros olhares, com os quais se vê confrontado, estes parecem estar a abertos à diferença e ao acolhimento, sem conter em seu movimento um desejo de imposição de lugar na cartografia social. Essa atitude também permite que todos os atores sociais envolvidos nessa dinâmica se aproximem do outro, por meio do contato visual, sem medo, construindo, com isso, o fundamento para uma interação mais ampla e que permite negociar marcas de identidade no princípio do respeito. Também aqui, há curiosidade pela diferença, mas o modo como essa curiosidade é concretizada no olhar instaura respeito e empreende um esforço de salvaguardar a dignidade do outro.

Zoppe, na verdade, partiu para Roma, com a expectativa de que essa seria a regra. Ao imaginar, ainda em sua terra natal, o modo como seria sua vida na capital italiana, ele vislumbrava interações marcadas por acolhimento como regra:

Ele estava naquela terra estrangeira já havia meses e a garotinha com seu pai enorme eram os únicos que acenavam com a cabeça, cumprimentando-o. Somente eles, naqueles longos e fétidos meses. Nisso Roma foi muito avarenta com ele. E pensar que havia imaginado belas mulheres loiras à sua disposição e tantos amigos com quem jogar sinuca. Mas logo descobriu que em Roma um preto tinha que tomar muito cuidado. “Se possível”, disse-lhe um dos chefes, “deveria fazer o possível para desaparecer” (SCEGO, 2018, p. 21)

Na retrospectiva, ele constata que uma atitude de reconhecimento, com tentativas de inclusão naquelas coordenadas sociais, permanece sendo a exceção. No lugar de amigos e aventuras amorosas, Zoppe faz a experiência da solidão e, sobretudo, exclusão. Assim, a recomendação do chefe parece representar não somente a visão de mundo deste, mas um

princípio que norteia a interação naquele espaço. Desaparecer, nesse contexto, contém a ideia de evitar interações sociais e de não solicitar qualquer forma de pertencimento. Isto é, no lugar de afirmar sua identidade e fazer dela a base da negociação nesse novo contexto cultural, o chefe sugere restringir sua existência à execução das tarefas para as quais foi convidado. Fora desse escopo de ação, sua identidade praticamente não tem oportunidade de articulação e, muito menos, da produção de uma tessitura que reconheça sua presença naquelas coordenadas. A invisibilidade está acompanhada do silenciamento.

A família judia traz a lume um outro comportamento, ao concretizar um olhar humanizado e reconhecer sua presença por meio dos acenos. Mais tarde, essa família inclusive o convida para sua casa, um episódio que articula posicionamentos quanto à sacralidade do hóspede. Zoppe não tarda em reconhecer que a condição desse grupo se encontra crescentemente fragilizada no continente: “Mas estava mudando, tudo estava mudando. Zoppe sentia isso no ar. Havia uma hostilidade contra os judeus que se mostrava mais evidente, mais escancarada, mais odiosa a cada dia” (SCEGO, 2018, p. 50). Sua situação naquele momento ainda não assume as dimensões da barbárie que vão entrar posteriormente para a história, mas a hostilidade e o desejo de exclusão já se concretizam com maior intensidade, na realidade diegética. Inconscientemente eles parecem reconhecer semelhanças e interseções, a partir das quais conseguem vislumbrar no outro um pertencimento a uma experiência comum. Esse conhecimento permite instaurar uma base afetiva que empreende o esforço de reconhecer o outro e torná-lo visível, a despeito das práticas dominantes contrárias.

Uma segunda personagem importante nesse contexto é um cidadão da Eritreia, negro como Zoppe, o qual também encontra por acaso, nas ruas de Roma. Ao contrário de Zoppe, contudo, este adota uma visão bem mais crítica em relação ao centro imperial:

Havia o encontrado certo dia, por acaso, perto da pensão Tedeschi, na via Flavia. O eritreu caminhava lento, não se preocupava, como ele, em aparecer demais. Medhin não queria se esconder, mas também não queria desaparecer. Seus movimentos eram repletos de orgulho. Caminhava de cabeça erguida. [...] Zoppe não gostava daquele cara. Palavras muito cultas, complicadas. Além disso, aquela ferocidade acirrada anti-italiana o aterrorizava. Aquele cara logo iria se meter numa fria (SCEGO, 2018, p. 38).

Ao contrário de Zoppe, Medhin não se curva às expectativas tácitas de invisibilidade. Com base nessa atitude, ele se nega a silenciar sua identidade e seus desejos de negociação. Ao afirmar a presença de seu corpo, ele intenta oferecer resistência explícita às práticas dominantes, mas tampouco aceita a interpretação de realidade hierarquizada com qual é

confrontado. Ambos trazem um capital cultural amplo: Zoppe se destaca pelo conhecimento de línguas, Medhin conclui estudos superiores na Itália e consegue se expressar de modo diferenciado nessa língua estrangeira.

Ao contrário de Zoppe, contudo, cujo objetivo maior reside em juntar capital para continuar sua existência no país de origem e, por isso, opta, em grande parte, em assumir um tom crítico, Medhin articula posicionamentos que questionam as práticas dominantes. Embora a voz narrativa não relate diretamente o modo como ele se articula, a reação de Zoppe parece sugerir que ele não teme em explicitar sua visão de mundo, na qual o centro imperial acaba assumindo uma imagem menos positiva. Por causa do medo que esse comportamento desperta, Zoppe se afasta dele, nutrindo antipatia pela causa que Medhin defende.

3. Experiências no continente africano

Um terceiro eixo de experiências com o centro metropolitano ocorre quando Zoppe acompanha seus representantes ao continente africano, a fim de cuidar das traduções necessárias para tratar de seus interesses. Como durante sua permanência na capital, Zoppe adota um olhar crítico, percebendo contradições e manipulações discursivas, mas não chega a concretizar movimentos substanciais de resistência. Dado seu interesse maior de adquirir os meios para alcançar sua estabilidade no futuro, ele tende a compactuar com os representantes do centro metropolitano, a fim de garantir seu trabalho. Nisso, as interações no continente africano repetem estratégias e configurações semelhantes àquelas já instauradas no centro metropolitano.

Uma delas reside na hierarquia configurada no centro imperial. Assim, ao chegarem em Addis Abeba, capital da Etiópia, o conde é recebido por um dono de hotel francês, o qual não tarda em expor suas opiniões sobre as pessoas: “Os árabes custam pouco e são bem eficientes, não são como aqueles abissínios preguiçosos” (SCEGO, 2018, p. 89). Esses primeiros contatos vão contribuir para uma narrativa de realidade que vai sendo consolidada na visão de mundo dos personagens oriundos de centros imperiais, além de criar um fundamento de simpatia e solidariedade entre eles:

“Sabem se haverá uma guerra como dizem os jornais?”, perguntou o francês com certo entusiasmo. “Mas os italianos podem ficar tranquilos. A França não criará nenhum, obstáculo aos planos imperiais de Benito Mussolini. Resta-nos a Tunísia e para eles há a Etiópia. Parece-me um pacto justo, você não acha?” O conde Anselmi não respondeu (SCEGO, 2018, p. 89)

Por questões estratégicas, o conde opta por não responder as perguntas do dono do hotel, mas o que este formula em seus

questionamentos revela, por um lado, a atmosfera política daquele momento e, por outro, os interesses que motivam a presença dos representantes dos centros imperiais. O que esses dois atores sociais formulam nessa conversa informal, na verdade, reflete as negociações empreendidas já no continente europeu, cujo conteúdo acaba formando a base para as ações nos países africanos. Prevalece, entre essas personagens, uma solidariedade pautada pela proximidade dos países e dos interesses, no contexto de origem, assumindo, portanto, exclusivamente o ponto de vista da política imperial.

Nesse episódio do romance, a distribuição de papéis nesse microcosmo da interação social, em grande parte, simboliza o que acontece no macrocosmo político do palco internacional. Assim, árabes, etíopes e somalis não são convidados a participar dessa conversa, cujo foco é a distribuição de áreas de influência, poder e exploração. Eles permanecem em silêncio, carregando os fardos, sem voz no processo de tomada de decisão. Isso também vale para Zoppe, que é convidado a ir ao hotel caminhando, não podendo se juntar à comitiva que é transportada no carro. A justiça que o dono do hotel infere da divisão de terras entre europeus, portanto, representa uma concepção eurocêntrica, pautada unicamente pelos interesses e pelas solidariedades das personagens pertencentes ao grupo oriundo dos centros imperiais. Essa lógica da argumentação não difere substancialmente daquela que Zoppe tinha encontrado na capital italiana. Como lá, também no continente africano ele permanece invisível e em pesado silêncio.

O silêncio, contudo, não resulta somente de práticas de silenciamento. Em parte, essa atitude também é fruto de uma decisão pessoal tomada por Zoppe, ao atribuir maior importância à obtenção de recursos econômicos que às implicações políticas de seu trabalho de tradutor e mediador cultural. Com efeito, ele compactua com os interesses imperialistas e contribui para o seu êxito. Nisso, ele não se encontra sozinho:

Zoppe sentiu-se sozinho entre eles. Atravessado pelas flechas venenosas da traição. Todas as palavras o feriam. Todos os gestos o ultrajavam. O velho oferecia à Itália o seu apoio para a guerra iminente. Daria armas, homens, refresco, provisões. Prometia assassinar o imperador Hailé Selassié pessoalmente, se fosse necessário. O velho assinava com a Itália um pacto de sangue, sem volta. E ele, Zoppe, traduzia. Não, não podia pensar nisso. Ele deveria somente abrir e fechar a boca. Só isso. Abrir e fechar a boca. Não deixar nada para trás. Nem os suspiros (SCEGO, 2018, p. 158)

A solidão que Zoppe experimenta assume uma outra dimensão aqui. Se em Roma a solidão provinha, sobretudo, da impossibilidade de pertencer a qualquer grupo, por conta de sua origem e da cor de sua pele,

no contexto africano, a solidão é fruto do conhecimento que alcança ao realizar seu trabalho. Ao identificar as verdadeiras motivações inerentes às palavras que traduz, experimenta um conflito de lealdade, pois ao mesmo tempo que deseja assegurar os recursos para os seus interesses particulares, ele não deixa de se solidarizar com o futuro daquele espaço social, alvo dos interesses imperialistas. Ele opta por compactuar com o grupo, o qual já indicou de forma inequívoca que não há pertencimento para ele, em suas malhas sociais. Nesse sentido, a solidão é duplamente fundamentada.

Zoppe reconhece que suas ações contêm elementos de traição. Nesse sentido, a tradução como traição assume um significado completamente diferente. Ele tem conhecimento de que seu trabalho de tradutor e mediador cultural está a serviço de atores sociais cujo interesse reside unicamente na obtenção de poder, em detrimento dos grupos nativos. A despeito desse conhecimento, ele decide conscientemente “abrir e fechar a boca” maquinalmente, como um títere dos interesses de uma política imperial.

A convivência e a disposição de compactuar, no entanto, não caracterizam somente ele. Ao mediar entre os grupos, ele percebe que há outros atores sociais do contexto africano igualmente dispostos a negociar e auxiliar, a fim de obter vantagens para si e para outros membros da família. Os homens, por fim, que vão lutar por essa causa e deixar suas vidas no campo da batalha dificilmente têm acesso a essas informações. Nesse sentido, ao traduzir sem diferenciar ou ao optar por traduzir sem ponderar as consequências, Zoppe carrega culpa sobre si, pois seu auxílio permite a instauração de uma formatação discursiva que vai organizar as ações naquele espaço da vida. Uma crítica que Scego expressa nesse contexto parece residir no fato de que o êxito imperialista depende também da corrupção de membros dos grupos em posição subalterna. Sem esse auxílio, tanto na tradução como na concretização de ações bélicas, os resultados seriam outros. Nesse sentido, ela se junta àquelas vozes que procuram retrair o passado e vê-lo com novos olhos, como afirma Itala Vivan (2012, p. 121-38) em seu estudo sobre vozes africanas na literatura de expressão italiana.

Considerações finais

Com *Adua*, Scego tece uma narrativa, cujo olhar para o passado procura recuperar outras vozes, ideando tessituras alternativas para esse passado e diferenciando as diferentes modalidades de interação por parte de atores sociais oriundos de países africanos com a metrópole italiana e seus representantes. O que caracteriza esse espaço é o princípio da violência tanto física como moral por parte do grupo dominante, incluindo a expectativa de invisibilidade e, com isso, a negação de qualquer forma de

pertencimento. Nessa mesma metrópole, contudo, também surgem interações de aceitação e acolhimento, oriundas de grupos igualmente fragilizados, os quais, em parte, acolhem a diferença, em parte, também questionam a visão de mundo do próprio Zoppe. Ao contrário de outros representantes de países africanos, Zoppe compactua com as políticas imperialistas, contribuindo com seu trabalho de tradução para o êxito desses objetivos, mesmo que os modelos de interação que predominam na metrópole voltem a imperar sem grandes alterações no continente africano.

No segmento “Zoppe”, Scego não tece qualquer elo direto com a representação contemporânea de fluxos migratórios. Contudo, é possível constatar que o segmento “Adua” relata uma série de episódios que permitem construir analogias aos acontecimentos da década de trinta. Assim, a violência, a invisibilidade, a negação de pertencimento voltam a se impor, com outra roupagem. Isso também vale para o comportamento dos representantes do grupo dominante e minoritário. Ao mesmo tempo que há exclusão, há momentos de acolhimentos. Ao mesmo tempo em que surgem questionamentos vindos dos grupos minoritários, há práticas que compactuam com interesses alheios. Diante do complexo horizonte de interação que Scego constrói no universo diegético, esse romance se estabelece como uma importante contribuição para a literatura de fluxos migratórios.

Referências Bibliográficas

- COPPOLA, Manuela. “Rented Spaces”: Italian Postcolonial Literature. *Social Identities*, 17 (1), 2011, p. 121-35.
- LOMBARDI-DIOP, Cristina & ROMEO, Caterina. Italy's Postcolonial ‘Question’: Views from the Southern Frontier of Europe. In: *Postcolonial Studies*, 18 (4), 2015, p. 367-383.
- MATHIAS, Dionei. *Neue alte Welt und altes neues Ich. Diffusion migrationsbedingter Identitätsentwürfe in veränderten kulturgeografischen Zusammenhängen. Eine Analyse zu Romanen von Andre Levy, Meera Syal, Diran Adebayo und Hanif Kureishi*. Tréveris: Wissenschaftlicher Verlag Trier, 2011.
- MATHIAS, Dionei. “Literatura e fluxos migratórios em contextos anglófonos”: sobre a gênese discursiva de um campo de pesquisa. *Scripta Uniandrade*, v. 16, n. 2, 2018, p. 225-38.
- SCEGO, Igiaba. *Adua*. Trad. de Francesca Cricelli. São Paulo: Nós, 2018.
- VIVAN, Itala. “From AfricaMix to Babilonia”: The African Voice Writing Italian. *The Global South*, v. 5, n. 2, 2012, p. 121-38.

Recebido em 20 de agosto de 2019
Aprovado em 8 de junho de 2020

Dionei Mathias é professor de língua e literatura alemãs na Universidade Federal de Santa Maria. Possui formação em Letras pela Universidade de Hamburgo, *Grund - und Hauptstudium*, *Magister Artium*, *Doktor phil.*, e doutorado em Letras pela Universidade Federal do Paraná. Contato: dioneimathias@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8415-1460>